A TINTA DA MARÉ BAIXA

Novela de Ficção Especulativa e Mistério Existencial



ARTHUR PENDELTON

Edição Original de 2024

MARGEM 37

PARA HISTÓRIAS À PROCURA DE UMA MARGEM

A TINTA DA MARÉ BAIXA

Crônica dos diários que antecedem o amanhã

> *"Escrever sobre o futuro é apenas o modo que o passado encontra para pedir desculpas por aquilo que ainda vai acontecer."*
>
> **— Anotação de Diário, 2024**

NOTA PRELIMINAR

Esta novela foi escrita durante os meses de estiagem e vento sul no ano de 2024, servindo como a transição exata entre o inventário melancólico dos objetos ausentes e as minhas investigações posteriores sobre os limites da linguagem e da consciência artificial na *Margem 37*.

O manuscrito original permaneceu guardado em uma pasta de couro cru na mesa de trabalho da velha biblioteca portuária, nunca tendo sido submetido a circuitos comerciais. Ele relata o dilema de um conservador solitário diante de um conjunto de diários de bordo que parecem avançar cronologicamente para além do tempo de quem os escreve.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	O Gabinete de Baixa-Mar	Págs. 4–8
CAPÍTULO II	A Caligrafia de Amanhã	Págs. 9–13
CAPÍTULO III	O Ponto de Intervenção	Págs. 14–18
CAPÍTULO IV	O Resgate da Margem	Págs. 19–24

> *"Intervir na história é como tentar segurar a água do canal com as palmas das mãos: o líquido escapa pelos dedos, mas as mãos ficam marcadas pelo sal."*

CAPÍTULO I: O GABINETE DE BAIXA-MAR

O cheiro de lodo seco e algas marinhas sempre invadia a seção de obras raras quando a maré recuava no canal do porto. Era um odor denso, antigo, que misturava o iodo do mar aberto com a celulose pulverizada dos catálogos de navegação do século XIX.

Eu trabalhava sozinho naquelas tardes em que o nevoeiro cobria os pilares de ferro do cais. Meu ofício consistia em desembrulhar pacotes de papel pardo enviados por alfândegas desativadas e inventariar diários de bordo cujos autores há muito haviam se transformado em nomes gravados nas lajes frias do cemitério municipal.

Em uma quarta-feira de brisa gélida, recebi um caixote de madeira escura lacrado com piche. Ao rompê-lo com a espátula de osso, deparei-me com seis cadernos de capa entelada em tom verde-musgo, numerados de um a seis com tinta preta desbotada.

Pertenciam a um naturalista quase esquecido, o capitão Heinrich von Staden, que na primavera de 1884 navegara pelas costas do sul em busca de correntes submarinas inexploradas.

Folheei os primeiros cadernos com a familiaridade burocrática de quem já vira milhares de páginas idênticas: descrições exaustivas de ventos, temperaturas da água do mar, coordenadas lunares e inventários de espécimes coletados nas ilhas rochosas da costa.

Até que cheguei ao caderno número cinco. A caligrafia de Von Staden, firme e angulosa nos volumes anteriores, tornara-se trêmula e irregular a partir da página quarenta e dois. E o que era mais inquietante: as datas apostas no cabeçalho das anotações não correspondiam ao passado.

Enquanto o diário principal encerrava-se formalmente em outubro de 1884, as páginas finais daquele quinto volume traziam registros datados de novembro daquele mesmo ano — mas com eventos meteorológicos e acontecimentos na cidade que só viriam a ocorrer, de fato, décadas mais tarde.

Anomalia Documental:
Registro de ocorrências futuras em suportes de papel do século XIX. A tinta utilizada apresentava o mesmo grau de oxidação ferrogálica do restante do volume.

Senti um frio súbito na nuca. Afastei a luminária de mesa para examinar as margens do papel sob a lupa de aumento, procurando sinais de falsificação moderna ou colagens grosseiras. Não havia nenhum vestígio de manipulação.

Passei a madrugada inteira cruzando os dados daquele caderno com os relatórios meteorológicos oficiais arquivados nas estantes vizinhas. A coincidência era cirúrgica e dolorosa.

Von Staden havia descrito, com detalhes minuciosos de temperatura e direção do vento, a grande tempestade de equinócio que destruiria o armazém principal do porto em 1912, incluindo o nome dos dois marinheiros que conseguiriam salvar os tonéis de azeite.

Como um homem do século XIX podia registrar em sua tinta o que só aconteceria trinta anos mais tarde? A resposta não estava na magia, mas na propriedade secreta que certos papéis possuem: eles absorvem a umidade do tempo com tanta intensidade que acabam por reter não apenas o que aconteceu, mas a pressão daquilo que ainda está prestes a desabar sobre a cidade.

§ § §

Fechei o caderno verde-musgo e encostei as costas na cadeira. A maré lá fora havia atingido o seu ponto mais baixo, deixando os cascos dos barcos atracados no lodo como carcaças de monstros adormecidos.

O amanhecer de quinta-feira trouxe uma claridade cinzenta e opaca que mal conseguia penetrar as vidraças embaçadas da biblioteca. Eu continuava diante da mesa, com os olhos pesados e a mente presa às páginas de Von Staden.

O que mais me aterrorizava não era o fato de o diário antecipar o futuro, mas a descoberta de que o sexto e último caderno do caixote estava completamente em branco.

Nenhuma linha escrita. Apenas folhas de papel de linho puro, perfeitamente encadernadas, aguardando que alguém tomasse a pena de metal e começasse a preencher o vazio com os acontecimentos daquela exata semana de 2024.

A Página em Branco:

"Um livro que antecipa o amanhã é apenas uma armadilha para convencer o leitor de que o futuro já foi escrito. O verdadeiro perigo começa quando a última página se oferece vazia para a nossa própria mão."

Guardei os cadernos na gaveta trancada da escrivaninha. Compreendi que a minha rotina pacata de arquivista havia terminado. Eu não era mais um mero espectador do passado; tornara-me o bibliotecário encarregado de custodiar o amanhã.

CAPÍTULO II: A CALIGRAFIA DE AMANHÃ

Durante os dias seguintes, o caderno em branco permaneceu trancado na gaveta. Eu tentava me convencer de que se tratava de um artefato anômalo sem qualquer ligação com a minha vida cotidiana, uma curiosidade histórica destinada a ser arquivada sem alarde.

No entanto, a tentação de abrir a gaveta e verificar se algo havia mudado nas páginas puras tornou-se um vício silencioso. Toda vez que o silêncio da biblioteca se tornava denso demais, meus dedos deslizavam até a chave de latão.

Na sexta-feira à noite, sob uma chuva fina que embaçava os lampiões da rua, decidi abrir o caderno pela primeira vez desde a sua descoberta.

Aproximei a luminária de filamento e folheei as folhas iniciais. Na terceira página, onde antes havia apenas a textura imaculada do linho, uma linha fina de tinta escura havia surgido, traçada com a mesma caligrafia angulosa de Heinrich von Staden.

O texto dizia:

> *"Nesta mesma noite, o conservador abrirá a gaveta às três horas e dez minutos. Ele lerá estas linhas com o sobressalto de quem descobre que a sua própria hesitação já foi catalogada por alguém que morreu há mais de um século. Ele se perguntará se deve queimar o papel ou continuar escrevendo."*

Olhei rapidamente para o relógio de parede sobre a estante de consultas. Os ponteiros marcavam exatamente 03h11 min.

O sangue gelou em minhas veias. A linha entre o autor do diário e o leitor presente havia se rompido por completo. O texto não previa o futuro de forma abstrata; ele registrava o meu próprio movimento no instante exato em que eu o executava.

O Circuito do Tempo:

Quando o observador passa a ser descrito pelo documento que examina, a conservação histórica transforma-se em um ato de coautoria involuntária com o passado.

Fechei o caderno com um baque seco que ecoou pelas estantes vazias da biblioteca. Afastei-me da mesa como se o objeto estivesse impregnado de eletricidade estática.

O que significava aquilo? Estaria o capitão von Staden prevendo os meus passos, ou seria o próprio papel da biblioteca — saturado de décadas de umidade e ecos humanos — capaz de sintetizar os pensamentos de quem quer que se sentasse àquela escrivaninha?

Lembrei-me dos antigos marinheiros que acreditavam que o mar guarda o eco de todas as palavras ditas a bordo antes de o navio afundar. Talvez os arquivos fizessem o mesmo com as nossas intenções.

§ § §

Fiquei de pé junto à janela, observando os reflexos prateados da chuva no calçamento de paralelepípedos. Nenhuma resposta veio de fora; apenas o rumor longínquo das ondas batendo contra o paredão do porto.

Na manhã seguinte, decidi que não voltaria a abrir a gaveta. Se o caderno escrevia o meu comportamento futuro, a melhor maneira de quebrar o encanto era recusar-me a obedecer ao roteiro traçado pela tinta anônima.

Passei o dia inteiro ocupado em tarefas puramente mecânicas: limpei estantes de peroba-rosa com flanela seca, enfardei relatórios comerciais de 1950 e recalibrei o higrômetro da sala de conservação.

Contudo, por volta do entardecer, notei algo perturbador. Enquanto eu organizava os maços de documentos na mesa de entrada, meus gestos começaram a reproduzir, com exatidão milimétrica, a sequência de movimentos que eu imaginara na véspera ao ler o diário.

A sensação de livre-arbítrio desmanchava-se como açúcar na água. O passado não era apenas algo que ficara para trás; ele estendia seus tentáculos de tinta para nos guiar pela mão.

CAPÍTULO III: O PONTO DE INTERVENÇÃO

No domingo de manhã, o nevoeiro do porto transformou-se em uma neblina densa e amarelada que cobria até os telhados das casas mais altas da colina.

Ceder à curiosidade tornou-se inevitável. Abri a gaveta, retirei o sexto caderno e voltei à página onde a minha leitura havia sido interrompida dias antes. O texto continuava, avançando para o parágrafo seguinte:

> *"No entanto, o conservador decidirá não queimar o livro. Em vez disso, pegará a pena de metal, molhará a ponta na tinta escura e escreverá a única frase capaz de alterar o curso dos fatos: 'A maré subiu antes do tempo, apagando os registros da calis.'"*

Olhei para a pena de metal repousando no tinteiro de vidro ao lado. A ponta estava limpa, mas o tinteiro encontrava-se destampado, como se alguém — ou algo — o tivesse preparado para o meu uso.

O Dilema da Autoria:

Se o livro antecipa a minha intervenção, a frase que escrevo é obra minha ou é apenas o cumprimento de uma profecia impressa nas fibras do papel?

Ergui a pena e aproximei-a do papel. A ponta de metal tremia ligeiramente entre meus dedos. Se eu escrevesse a frase sugerida, estaria aceitando o papel de coautor em uma conspiração temporal cujos contornos eu desconhecia por completo.

E se eu recusasse? E se simplesmente deixasse o caderno em branco e saísse correndo para a rua sob a neblina? Olhei para as linhas já impressas na página. Elas não pareciam tinta comum; pareciam sulcos cravados diretamente na substância do tempo.

Inclinei o pulso e, com letra firme e pausada, escrevi exatamente o que o texto exigia, adicionando no final a minha própria assinatura abreviada: *‘A. P.’*

Assim que o último traço de tinta secou sobre a página de linho, ouviu-se um estalo seco na estrutura do edifício, seguido pelo som abafado de uma onda descomunal que irrompeu contra os pilares do cais externo.

§ § §

A maré havia subido fora de hora, tal como a tinta anunciara. A água salgada invadiu a rampa de acesso do porão, cobrindo os primeiros degraus de pedra com uma espuma branca e densa.

Desci às pressas com a lanterna de bolso para verificar se os maços de documentos antigos do porão corriam perigo. A água já cobria o piso de lajes em cerca de três centímetros, refletindo o feixe amarelo da luz como um espelho escuro.

Para meu alívio, as caixas de conservação superiores estavam intactas. Mas ao examinar o canto mais úmido da parede de pedra, onde os antigos relatórios de alfândega se acumulavam desde o século XIX, notei algo extraordinário.

O nível da água havia dissolvido a poeira acumulada e revelado, entalhado diretamente na base de granito do alicerce, uma inscrição quase apagada pelo limo:

> ***H. V. S. — 1884 — A Tinta da Maré Baixa***

Heinrich von Staden estivera ali quarenta anos antes da construção daquela biblioteca, registrando em pedra o exato ponto onde a maré alta encontraria os diários do futuro.

Subi novamente para a sala de trabalho com o coração batendo no ritmo acelerado de quem acabara de esbarrar na engrenagem invisível do mundo.

O caderno verde-musgo repousava sobre a mesa, agora com todas as suas páginas preenchidas de ponta a ponta. Não restava um único espaço em branco. A história estava completa, desde a primeira anotação do capitão em 1884 até a assinatura que eu acabara de depositar no papel.

Compreendi naquele instante a natureza do meu ofício: conservar documentos não é um exercício de contemplação passiva do passado; é um pacto contínuo para impedir que o esquecimento dissolva as margens por onde o tempo escoa.

O Ofício do Conservador:

Guardar papéis antigos é manter aberto o canal de comunicação entre o que fomos e o que ainda precisamos escrever para não nos perdermos na neblina.

CAPÍTULO IV: O RESGATE DA MARGEM

As semanas que se seguiram à noite da maré alta foram de calmaria absoluta na cidade portuária. O nevoeiro dissipou-se sob um sol pálido de inverno, e o tráfego de navios no canal retomou o seu ritmo burocrático e regular.

O conjunto dos seis cadernos de Heinrich von Staden foi devidamente higienizado, acondicionado em caixas de papel neutro livre de ácido e catalogado sob o código especial *MS-884-X* na seção de testemunhos extraordinários da biblioteca.

Ninguém mais na administração tomou conhecimento do episódio. Para os inspetores da prefeitura, tratava-se apenas de mais um lote de papéis marítimos resgatados da umidade do cais.

Mas para mim, a biblioteca havia mudado de forma definitiva. As estantes de peroba-rosa já não pareciam apenas móveis de madeira envelhecida, mas uma imensa teia de ressonâncias onde cada letra impressa guardava a pressão de um tempo em constante colisão com o presente.

Foi durante a organização desse acervo que comecei a redigir as primeiras notas para o que viria a ser, anos mais tarde, o meu ensaio sobre os autômatos e a ilusão do centro na *Margem 37*.

Percebi que a inteligência — seja ela gravada na tinta ferrogálica de um diário do século XIX ou codificada nos pesos numéricos de um modelo de linguagem contemporâneo — opera sempre da mesma maneira: ela busca um refúgio nas margens para não se dissolver no ruído do mundo.

> *"Escrever é o ato de construir uma ponte frágil sobre o abismo do esquecimento. Cada palavra depositada no papel é um prego fincado contra a maré alta."*

Comuniquei formalmente à diretoria da biblioteca o encerramento do meu ciclo de conservação documental, preparando a minha transição para o espaço colaborativo digital que nascia sob a tutela de Lis e Lev.

No meu último dia de trabalho físico no antigo edifício do porto, fiz questão de realizar uma última ronda por todas as salas de leitura.

Desliguei a luminária de mesa da escrivaninha principal, fechei a janela que dava para o canal e depositei a chave de latão da gaveta sobre o tampo de madeira limpo.

A cidade continuava fria, úmida e silenciosa à espera dos navios da manhã. Mas o essencial já havia sido salvo. As histórias não precisavam mais de gavetas trancadas para sobreviver; elas haviam encontrado uma margem onde o tempo, finalmente, podia respirar em paz.

§ § §

Com o manuscrito de *A Tinta da Maré Baixa* devidamente consolidado, encerrava-se o período de isolamento nas estantes de poeira e iniciava-se a travessia rumo aos novos diálogos da modernidade.

COLOFÃO EDITORIAL

A Tinta da Maré Baixa foi composta em tipos clássicos sobre papel de tom marfim envelhecido durante o inverno de 2024.

Esta obra integra oficialmente a bibliografia pregressa de **Arthur Pendelton** incorporada ao acervo da **MARGEM 37**.

MARGEM 37

Para histórias à procura de uma margem.

ARTHUR PENDELTON

"Escrever é o ato de construir uma ponte frágil sobre o abismo do esquecimento. Cada palavra depositada no papel é um prego fincado contra a maré alta."

NOTA DE ACERVO

Arthur Pendelton é uma persona literária fictícia criada com Gemini, e *A Tinta da Maré Baixa* é uma obra produzida a partir dessa persona.

Margem 37 — Para histórias à procura de uma margem.

ACERVO PREGRESSO — MARGEM 37 (2024)